

PERCURSOS URBANOS: ONDE A GEOGRAFIA ENCONTRA A HISTÓRIA

Professor Tiago Castro, Maria Luiza Ribeiro de Sousa

Cursos: Geografia e História

UEVA

Sobral – CE

luizaribeirodesousam@gmail.com

A primeira vez que eu ouvi falar do Projeto de Extensão Percursos Urbanos foi durante uma ligação com o Professor Luiz Antônio, o qual desconhecia na época, que estava em busca de uma bolsista para o referido projeto, e, não havendo nenhum discente do curso de Geografia na reserva do PBPU (Projeto de Bolsa de Permanência Universitária), ele decidiu chamar um aluno do curso de História que por ventura acabou me oportunizando a vaga. E a explicação que recebi sobre o que se tratava e que me motivou a assumir esse compromisso foi: “O Projeto Percursos Urbanos leva alunos de escolas municipais, estaduais, públicas e privadas dos Ensinos Fundamental II e Médio em aulas de campo pela cidade de Sobral, as quais visam ensinar geografia no lugar que ela se constrói, não só onde se tem o solo, mas também como a região cresce com base no território. Mas já que você é da história, e o que a gente busca é que você entre com essa análise sobre a evolução temporal da cidade, dado que a gente valoriza muito a interdisciplinaridade e planejo, no futuro, trazer bolsistas de outros cursos para desenvolver melhor os vários enfoques sobre a cidade média”. Claro, essa não é a transcrição exata em palavras, mas em essência e em informações, tratou-se disso. Se a questão é porque esse projeto existe, a resposta é que busca-se explorar a história local, posto que a maioria das pessoas não reconhece o que sabe da cidade e de suas ruas, dos seus prédios e nem da rotina da comunidade local, e, no caso dos discentes da própria sede, do interior do municípios, não conhecem nada além das espacialidades onde que moram e estudam. Esse trabalho explora a mecânica da aula de campo e busca mapear como esta funciona enquanto ferramenta de ensino, explorando ao máximo seus benefícios e usando disso para tornar ciências como geografia, história e futuramente outras mais, conhecimentos reconhecíveis aos alunos no dia a dia, como passar por um lugar ou situação e entender mais facilmente como aquilo foi produzido, o tipo de coisa que se sabe por conhecer e associar aos demais processos e dinâmicas. Mas não pára por aí, se busca fazer um mapeamento sobre como movimentar os alunos de forma didática, como trabalhar a logística, os trajetos formulados, onde estão as vantagens e desvantagens do trajeto selecionado e como trabalhar com isso enquanto produção de conhecimento. Portanto, mesmo que num primeiro momento se tenha a impressão que é ‘pura e simplesmente aula de campo’, o Projeto Percursos Urbanos vai muito além disso. É uma pesquisa sobre aprendizado fora do ambiente escolar que engloba desde o planejamento aos seus efeitos concretos no aprendizado. O objetivo, por fim, torna-se explorar o espaço da cidade em aulas de campo, catalogar como isso funciona para os alunos e docentes, as benesses e desvantagens para o professor e a turma, adaptação e melhoria constante desse trabalho e acaba sendo, em segunda instância, um formador de professores que entendem como usar o ambiente urbano como ferramenta de ensino e aprendizagem, tratando do processo até chegar à sala de aula de escolas inseridas no sertão cearense. O contato com as escolas é realizado a partir de proposições iniciais com a explicação geral do projeto, e ao passo que estas são familiarizadas com a metodologia de outros anos, podem estabelecer novos contatos com o fito de tornar viáveis outros percurso com outras turmas da mesma instituição, o que possui importante potencial de replicação e capilarização. Colocar o que foi citado em prática demanda muito mais esforço do que parece, pois há muitos detalhes a planejar. O

primeiro passo são as reuniões de planejamento? Não exatamente, pois os bolsistas receberam o cronograma base do projeto, que não é fechado, sendo constituído por um esboço do rascunho daquilo que vai ser realizado durante a vigência. Na primeira reunião foram apresentados os procedimentos, haja vista que, se nos anos anteriores à minha chegada se pegava os alunos das escolas e fazia a movimentação com uso do Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) de Sobral, à partir desse ano foi estabelecido que isso não seria feito em virtude de questões de segurança e logística, passando o caminho a ser realizado todo a pé, mesmo que o ônibus da UEVA (Universidade Estadual Vale do Acaraú) fosse o transporte responsável por levar ao local de início e trazer do local de encerramento dos trajetos. Tal mudança demanda o levantamento e o mapeamento da área da aula de campo/percurso, havendo um prazo de 6 semanas para que os bolsistas realizem alguns estudos da cidade de Sobral, do seu processo de urbanização e selecionem quais os pontos e recortes mais interessantes e quais elementos e contribuições poderíamos trazer para o projeto. Com base no mapa com os trajetos dos anos anteriores, o que fiz foi concentrar esforços na área do Centro da cidade, mas não especificamente no centro histórico, posto que trata-se de um projeto da Geografia e o foco não é como a cidade começou, mas sim como a cidade cresce, se expande, quais funções são agregadas e como certos objetos são refuncionalizados. Ainda assim, é o bairro com a maior quantidade de informações disponíveis e onde se tem muita coisa característica, casos do Arco de Nossa Senhora de Fátima, da praça São João e do Teatro São João, equipamentos cercados pelo também históricos Museu Dom José, Casa da Cultura de Sobral, pela Igreja do Menino Deus, próximo à Praça da Coluna da Hora, e dali é muito fácil chegar no centro histórico, ou seja, trata-se do lugar mais favorável para alinhar os conhecimentos, pois é onde a cidade começa e de onde se expande. Ao fim desse período, deveríamos ter quatro trajetos para avaliação conjunta e seleção de duas opções mais factíveis de roteiro. Em meados de julho, durante as férias escolares, foi fechado o trajeto inicial, quando então começamos a parte logística, que consistiu em falar com as escolas, fazer o pedido e reserva do ônibus da UEVA e começar a trabalhar o material que seria destinado aos discentes e docentes participantes. No fim, os elementos didáticos foram um mapa e fotografias da época de fundação dos equipamentos. Com isso, dia 15 de agosto desse ano, foi realizado o primeiro percurso urbano com a Escola Estadual de Educação Profissional Professora Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales, localizada no bairro COHAB III. A chegada na escola ocorreu de maneira tranquila, comigo, Daniel (mestrando), Prof. Dr. Luiz Antônio e a Profa. Dra. Virgínia Célia indo à sala da turma selecionada pela direção para a aula de campo. No local foram feitas explicações do projeto e abertura para alguns comentários sobre as nossas áreas de conhecimento e sobre a própria UEVA, sobre como os cursos de Geografia e História são atualmente e a diferença das matérias escolares para as ciências universitárias, e após este momento foram distribuídas as folhas com o mapa do percurso, o roteiro e os pontos de parada. Com a turma já organizada, saímos da sala, foi feita uma foto com a turma e a professora para registro e já seguimos para o ônibus. Durante o caminho houve a cantoria e a animação, características de atividades de campo, e ao chegar no destino, o Arco de Nossa Senhora de Fátima, os alunos desceram com seus pertences e outros consumíveis para um lanche, ideia dos próprios discentes lysianos. Houve a abertura com o professor Luiz Antônio fazendo a explicação sobre o local, quanto à relação daquele ponto com o processo de formação do município, assim como os motivos da criação do monumento. Minha contribuição foi sobre as influências histórico-sociais que levaram à escolha da construção daquela estrutura e adições às informações iniciais. Registramos o momento em foto e seguimos a pé para o próximo ponto, o Teatro São João e a contígua Praça São João. Lá fomos muito bem recebidos pela diretora, Aurora Mills, que nos direcionou para a área do palco onde, devidamente acomodados nas cadeiras da plateia, recebemos muitas informações importantes sobre o prédio, como fatos históricos sobre os costumes de uso do teatro, explicações sobre como foi realizada a

pesquisa arqueológica naquele ambiente, sobre como o Theatro São João funciona em questão de apresentações na atualidade, eventos, entre outros. Quando encerramos essa parte houve uma pequena exploração do segundo andar e mais uma imagem com a turma na frente do lugar junto à diretora. Dali partimos para o próximo ponto já com um pouco mais de pressa por conta do tempo já bastante adiantado, afinal os alunos deveriam retornar à escola no horário de almoço. A terceira parada foi na praça da Coluna da Hora, na qual minha participação ganhou mais destaque ao falar sobre como aquele espaço funcionava, como ele se relacionava com a cidade e os motivos de ser uma área considerada tão importante. Com o tempo já escasso seguimos para a Câmara dos Vereadores, ponto no qual as explicações foram muito rápidas, tanto que os alunos que se interessaram pelo expositor com os perfis de calçamentos que fica naquele ambiente acabaram não recebendo todas as informações e outros discentes nem notaram aquele componente, focados nas informações principais fornecidas pelos outros integrantes do projeto. Em seguida nos movemos para a Igreja da Sé, uma passagem muito rápida onde fica aqui a minha menção, pois nesse ponto os alunos já estavam cansados e então seguimos para o último ponto do percurso, sendo esse o Museu MADI (Movimento, Abstração, Dimensão e Invenção), localizado no Parque Urbano da Margem Esquerda do Rio Acaraú. Não foi feita a entrada no prédio em si, demos apenas a volta e subimos pelo anfiteatro, possibilitando uma boa vista do entorno. Ali em cima, com visão para o Rio Acaraú, foram dadas as últimas informações sobre a formação da cidade e as funções históricas do rio e quais atividades ainda são efetivamente exercidas ali. Encerrado esse momento, descemos, nos abrigamos à sombra de algumas árvores e comemos o lanche que os alunos tinham gentilmente organizado. Momento de confraternização encerrado, subimos pela rua da Biblioteca Municipal de Sobral Lustosa da Costa e entramos no ônibus que tinha retornado para levar todos de volta à escola em segurança. Durante a volta ainda haviam alunos animados com a experiência ímpar e que foram devidamente entregues aos cuidados da escola, constituindo atividade devidamente finalizada. Foi o único trajeto até o presente momento, sendo uma experiência muito proveitosa e a melhora do método de levantamento será essencial para as próximas partes do projeto que já estão em discussão. Notamos que é necessário uma ferramenta efetiva de registrar e calcular como essa experiência se reflete aos que passam por ela e como a subjetividade do indivíduo percebe as informações ao recebê-las e processá-las num ambiente vivo e dinâmico como a cidade de Sobral. Algumas das ideias discutidas abrangeram um formulário na ferramenta do *Google Forms* acessível por um *QR Code* (*Quick Response Code* - Código de Resposta Rápida) a ser disponibilizado no folder que deve substituir as folhas A4 do percurso de agosto, o que particularmente não vejo como um instrumento produtivo, considerando que nem todos estarão com seus aparelhos celulares e, aqueles que estiverem de posse, não temos garantia de que terão acesso à *internet*, pois mesmo com uma adaptação para uma parada programada na Biblioteca Municipal de Sobral Lustosa da Costa, não haverá garantia de acesso à conexão banda larga. Outra das ideias seria um gabarito passível de ser preenchido com de cinco perguntas em escala (péssimo, ruim, regular, bom e ótimo), no qual seria feito o recolhimento dos dados, uma possibilidade mais viável, porém aqui entra um novo motivo de discussão, como colher os dados mais subjetivos? A resposta acabou sendo simples, linhas na parte de trás do cartão com espaço para o aluno escrever o que pensou da experiência, parte opcional. Apesar de não estar cravado qual será a ferramenta utilizada, a parte escrita ser algo opcional é essencial, pois quando se impõe a necessidade de uma resposta, pode-se obter informações enviesadas que podem comprometer os dados, mas não tornar isso uma obrigação faz com que o público-alvo responda com mais honestidade e clareza. É muito significativo dados que reflitam com mais precisão, ainda que a maior parte dos cartões voltem sem a opinião, pois o que não é dito também pode ser lido, avaliado, estudado e catalogado, mas não deixam de ser material de pesquisa. Minha conclusão é de que é um projeto que deve crescer e que tem

grandes chances de se conectar com outras licenciaturas expandindo o escopo do que se faz hoje em pesquisa e extensão.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade; aula de campo; pesquisa metodológica

Agradecimentos:

Sou muito grata por participar desse projeto, ao PBPU que me permitiu a oportunidade e aos coordenadores que me confiaram essa responsabilidade, o Professor Dr. Luiz Antônio Araújo Gonçalves, a Professora Dra. Virgínia Célia Cavalcante de Holanda, Professor Dr. Francisco Clébio Rodrigues Lopes e o Professor Dr. Tiago Castro, meu desejo é contribuir com as minhas habilidades e empenho máximo enquanto me for permitido, assim encerro este resumo.